

PAN-AMERICANISMO: A MÁXIMA DA ESCOLA ARGENTINA NO ANTIGO DISTRITO FEDERAL NOA ANOS 30

Miriam Waidenfeld Chaves - UFRJ

É lícito afirmar que durante os anos 30 a escola, além de sua atribuição pedagógica, também cumpria uma função política bastante explícita. Articulada a esfera nacional, tanto se torna um espaço de produção e disseminação dos novos valores da modernidade quanto se transforma em palco de inúmeras disputas ideológicas.

Nessa perspectiva, este texto, fruto de uma reflexão ampliada de minha tese de doutorado¹, enfatiza não os aspectos pedagógicos da Escola Argentina – sua reforma de ensino –, mas, a sua relação com a política na medida em que a sua história a conecta a um contexto, onde o pan-americanismo e as relações com a nação Argentina eram assuntos de destaque não apenas para a escola, mas também para o próprio país.

Uma última questão a ser explicitada é que as informações aqui utilizadas sobre a Escola Argentina foram obtidas através dos 15 exemplares da *Revista Escola Argentina*, editada por alunos e professores durante o período de 1929 a 1935.

1-A história do nome da escola

A história da Escola Argentina pode-se afirmar, é vista pela *Revista Escola Argentina* como sendo uma história monumento (Le Goff, 1994).

Fundada em 8 de novembro de 1924 por Carneiro Leão (1922-1926) que, inspirado na doutrina pan-americanista do presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt (1904-1909), inicia uma série de homenagens aos países americanos, dando os seus nomes às escolas. Acreditava que, por meio dessa ação, as escolas estariam incentivando a criação de um sentimento de união, de solidariedade e de cooperação continental em defesa da liberdade.

Entretanto, apenas em 1929, durante a administração de Fernando de Azevedo (1927-1930), é que a escola recebe instalações condignas, mudando-se da rua Jockey Club, nas imediações da São Francisco Xavier, para um prédio neocolonial a rua 24 de Maio, no Engenho Novo.

Essa mudança de endereço, no entanto, ocorre de forma tumultuada, interferindo inclusive no seu destino: Fernando de Azevedo, por meio de um decreto reafirma o nome

¹ “A escola anisiana dos anos 30: fragmentos de uma experiência – A trajetória pedagógica da escola Argentina no antigo Distrito Federal (1931-1935)”, defendida na PUC-RJ, em 2001.

da escola como sendo Argentina e não Delfim Moreira como estava previsto para se chamar no novo endereço.

Em 1931, já durante a administração de Anísio Teixeira, a escola alcança um novo lugar em sua história. Transforma-se, em 1932, em uma escola experimental e, em 1935, exatamente no dia 9 de julho, dia da independência da Argentina, transfere-se para um novo prédio moderno e arrojado, na Avenida 28 de Setembro, em Vila Isabel.

Essa segunda mudança de endereço, no entanto, ocasiona um fato curioso que a liga ainda mais à nação Argentina: a Escola Argentina, à rua 24 de Maio, com sua arquitetura neocolonial, muda de nome em fins de 1934 e passa a se chamar Sarmiento, porque já se encontrava em andamento a construção da nova sede, à Avenida 28 de Setembro. Ou melhor, a escola que até aquele momento se denominava Argentina, ao passar a se chamar Sarmiento, antigo presidente da Argentina, depara-se não apenas com a construção de uma nova escola e uma mudança de endereço, mas também com uma mudança de nome que justamente tem por finalidade ratificar a homenagem à nação Argentina.

É Geraldino Magalhães, presidente da Sociedade dos Antigos Alunos da Escola Argentina, fundada em dezembro de 1933, que, em uma conferência no Círculo de Pais e Professores, explicita este fato. Mostra, inclusive, o resultado dos ensinamentos da escola sobre o pan-americanismo:

Até a poucos dias chamava-se Argentina; tinha o nome que hoje vemos gravado em sua fachada, a espera da ocasião oportuna de ser levado para outro edifício.

Assim se chamava quando aqui ingressei, no berço da instrução. E quando a deixei, saudoso, conservava a mesma designação.

E hoje? Deixamos o nome de grande país portenho para adotar o nome de um glorioso filho seu: Sarmiento – esse herói que tão denodadamente se bateu pelo progresso de sua pátria estremecida.

Mas o nome de “Argentina” não foi menosprezado. Este nome para nós é inesquecível. Quanta glória nos tem trazido! Concretiza um sentimento profundo de fraternidade entre os dois países: Brasil e Argentina.

Porque essa troca de nomes? É que outrora havia em Botafogo pequena escola chamada Sarmiento, muito pequena para tão grande nome. Dr. Anísio Teixeira, Diretor Geral do Departamento de Educação, ao mandar construir novas escolas pensou nisso. E mandou dar o nome de Argentina à escola de Vila Isabel, grande em todos os sentidos – pela situação, pela construção e pelos planos de ensino –, maior que esta do Engenho Novo, que tem muito da história da Argentina e que recebeu, em seguida o nome de Sarmiento, grande, também pelo talento, pelos, feitos...

Ao próprio Sarmiento não seria grato ver o contrário: seu nome na escola maior e não assim o da mãe pátria (Revista de set. dez.1934).

Ratificando a homenagem à Argentina, a aluna Marina Braga, de 12 anos, escreve na mesma edição do jornal: *Fiquei contente com o nome de Escola Sarmiento. Sarmiento também é Argentina*. Tal afirmação demonstra que mais importante do que a mudança de nome é que a escola permanecesse apadrinhada pela Argentina, uma vez que seria a força simbólica desta ligação que asseguraria um bom augúrio para a nova Escola Sarmiento que nascia à rua 24 de Maio.

Nesse sentido, a história da escola encontra-se definitivamente conectada ao seu nome. É como se o nome da nação Argentina fosse garantia de que tanto a Escola Argentina quanto a Escola Sarmiento pudessem construir trajetórias com base no que havia de melhor na Capital Federal dos anos 30, o que faria com que ainda se perpetuassem na memória da cidade como sendo duas escolas modelos de uma determinada época.

Portanto, se Carneiro Leão, ao batizá-la, garante a sua existência e, ainda, profetiza o seu futuro, Fernando de Azevedo ratifica o seu nome – e esta história, evitando a mudança de nome - e, mais tarde, Anísio Teixeira, é quem desfiará a sua história, ligando-a tanto à experimentação de novas práticas educacionais quanto à história da nação Argentina.

2- Brasil e Argentina: uma relação delicada

Uma reflexão acerca das disputas entre Brasil e Argentina nos anos 30, pressupõe uma discussão sobre o pan-americanismo na medida em que a sua viabilização interfere na maneira como esses dois países se relacionam política e economicamente. Ou seja, o nível de afinidade ou de disputa que Brasil e Argentina instituem entre si depende do grau de comprometimento que terão para com essa doutrina, uma vez que sua política, ao redefinir as relações internacionais do continente americano, exige que as nações latino-americanas, principalmente Argentina e Brasil, países líderes, repensem o seu próprio papel nesse intrincado jogo de poder.

Entretanto, o discurso “americanista”, liderado pelos Estados Unidos, contra a secular influência européia no continente, além de defender a solidariedade e a cooperação entre as nações americanas, oculta uma série de divergências que contribuem para que a harmonia latino-americana seja de fato uma paz mesclada por um sentimento de desconfiança mútua entre as nações, ensejando, por sua vez, novas disputas e acirramento de ânimos.

As relações entre Brasil e Argentina, nesse caso, expressam justamente essa contradição: ao mesmo tempo em que ambos desejam aproximar-se, cada um, separadamente, digladiava-se para aumentar o seu poder de influência no próprio continente, transformando a frase de Sáenz Peña, presidente da Argentina – “Tudo nos une nada nos separa” – em um ideal ainda a ser atingido por ambas as nações.

Aprofundando um pouco as questões acima, verifica-se que o mal estar entre Brasil e Argentina ocorre principalmente em função da diplomacia brasileira após o advento da República buscar uma maior aproximação com os Estados Unidos, país com o qual a Argentina nutria uma grande antipatia².

De outro lado, o americanismo republicano como que por oposição ao europeísmo dos tempos do Império tem o mérito não apenas de aproximar o Brasil dos Estados Unidos, mas da própria América Latina. Os novos donos do poder acreditavam que a República integrava o Brasil ao sistema continental americano e que, nesse sentido, precisariam esforçar-se em fazer desaparecer o sentimento de ódio que o Império fez nascer entre o Brasil e os países vizinhos (Cervo & Bueno, 1992, p. 150).

Entretanto, as tentativas de aproximação, muitas vezes, não vão além das boas intenções expressas pelas visitas diplomáticas e pelos pronunciamentos proferidos nas várias Conferências Internacionais Americanas³. Apesar de se tornarem ações cada vez mais legítimas, estas gestões não conseguem apagar a impressão de que o Brasil compunha o bloco de poder norte-americano.

Esta desconfiança, justificada, devia-se não aos discursos propondo a harmonia do continente, mas aos fatos reais que na balança das relações internacionais brasileiras com os países sul-americanos e com os Estados Unidos pesava o que havia de concreto com este último.

O Convênio Comercial ou o chamado “tratado recíproco” assinado pelo Brasil e os Estados Unidos em 31 de janeiro de 1891, a intervenção armada norte-americana a favor do presidente Floriano Peixoto contra os revoltosos da Marinha, a elevação da legação brasileira em Washington à categoria de embaixada em 1905 e o crescimento da nossa Marinha de Guerra a partir de Rio Branco na pasta das Relações Exteriores (1902-1912)

² Entre os Estados Unidos e a Inglaterra, a Argentina mantinha estreitas ligações com o último (Cervo e Bueno: 1992).

³ Dentro da perspectiva pan-americanista, os Estados Unidos convocam os países latino-americanos a participarem da I Conferência Internacional Americana (1889-1890) realizada em Washington. Tinha-se como finalidade pensar a respeito da formação de uma unidade entre essas nações a fim de que o continente obtivesse a sua soberania política e se visse longe do jugo europeu. Várias Conferências foram posteriormente realizadas no México (1901-1902), Rio de Janeiro (1906), Buenos Aires (1910), Santiago (1923), Havana (1928), Montevideú (1933), Lima (1938), Bogotá (1948) e Caracas (1954).

são acontecimentos que demonstram a forte ligação entre os dois países e a conseqüente conclusão de que o Brasil parecia que almejava conquistar uma posição de destaque ao lado dos Estados Unidos (Cervo e Bueno, 1992, p. 149).

Durante o período entre guerras, devido ao surgimento de novos sistemas de poder – Alemanha e U.R.S.S. – a luta norte-americana pelo controle político e econômico na América Latina intensifica-se, gerando um aumento do acirramento das relações entre os países latino-americanos, que, por sua vez, buscam incisivamente defender tanto as suas fronteiras quanto os seus mercados (Moura, 1980).

No que se refere ao Brasil e a Argentina as disputas continuam

Devido as suas especificidades históricas, a Argentina já na segunda década do século XX atinge um posto de destaque no continente, tornando-se responsável por 1/3 de todo comércio exterior da América Latina em 1913, deixando o Brasil em desvantagem.

Esta prosperidade atinge índices ainda mais elevados na década de 20. O crescimento da renda, a formação de uma ampla pequena-burguesia vinculada ao comércio e aos serviços, o rápido desenvolvimento urbano de Buenos Aires e o aumento de sua malha ferroviária permitem o avanço de sua industrialização, possibilitando que chegue às vésperas da crise de 1929 com um PIB de 22,8%, enquanto o do Brasil era da ordem de 11,7% (Bandeira, 1987, p.16).

O Brasil, de outro lado, era o único país da América Latina que possuía condições de competir pela cobiçada posição de primeira potência da América do Sul. Os sólidos acordos comerciais com os Estados Unidos, garantindo-lhe estabilidade, o tamanho de sua população, de seu território, de sua Marinha de Guerra, que após os primeiros anos do século XX começa novamente a crescer, e de sua costa voltada para o Atlântico, faziam dele uma nação que deveria ser temida por aquela que também ambicionava um lugar de destaque no continente.

3-Decifrando a Escola Argentina

Ignorando as divergências acima, a Escola Argentina constrói a sua trajetória como se fosse um *torrão argentino* em solo brasileiro. Procura mostrar, através do discurso de seus alunos e professores, que ambos os países encontravam-se irmanados pelos mesmos ideais que se consolidariam através das águas da Bacia do Prata que banhariam ambas as nações.

. o significado do nome

Segundo, o Novo Dicionário Aurélio (1975), o vocábulo *nome* quer dizer: *palavra com que se designa alguma pessoa, animal ou coisa ou palavra que exprime uma*

qualidade característica ou descritiva de pessoa ou coisa. Pode também ser epíteto, família, linhagem. E nome próprio expressa o nome com que se nomeiam individualmente os seres e que se aplica em especial a pessoas, nações, povoações, montes, mares, rios, etc..

Entretanto, ao se tomar como referência o livro de Ana Maria Machado (1976) sobre a importância do significado dos nomes dos personagens para a prosa de Guimarães Rosa, esse tipo de discussão adquire novos sentidos que ajudam ainda mais a decifrar as relações entre Brasil e Argentina.

Dentro de um universo semiótico, o nome próprio é, por natureza, polissêmico. Implica determinadas circunstâncias e correlações necessárias que ajudam a definir o nome em si (Houaiss, 1976). E como Guimarães Rosa escreve, referindo-se ao nome de seus personagens, *dou-te leitor, um enigma; dou-te também, a chave, decifra-o...* (Guimarães Rosa apud Houaiss, p. 7)). Ou melhor, o nome – a chave – é o enigma a ser decifrado; é a ponta de um **iceberg** que, por meio de um trabalho do leitor/pesquisador, expressa o próprio augúrio do nominado que, nesse caso específico, é a Escola *Argentina*.

Trazer à tona o mistério do nome da escola, entretanto, pressupõe um trabalho que ainda será trilhado em dois planos que se completam. Enquanto o primeiro advém dos efeitos da leitura de alguns artigos da revista da escola que permitem uma determinada interpretação acerca do significado simbólico das águas da Bacia do Prata, o segundo mostra como a escola se inspira na história da Argentina, possibilitando a fabricação de uma relação bastante peculiar entre a escola e a nação portenha.

Observando a teoria de Guimarães Rosa sobre os nomes próprios, é preciso salientar que o nome da escola refere-se ao nome da nação Argentina que, morfologicamente, tem a sua origem em *argenti* que quer dizer *prata*; *argentífero* que contém prata e *argênteo*, *prateado*. Por sua vez, o vocábulo *prata* nos remete ao nome da bacia fluvial que se forma com os rios Uruguai, Paraguai e Paraná - Bacia do Prata que, com suas águas, une Brasil e Argentina.

A própria redação, com o título sugestivo de *Tudo nos une nada nos separa*, transcrita para a revista, mostra como as águas desse “grande estuário” têm, para a escola, a função de reunir em um só corpo essas duas nações:

Estudando a geografia da Argentina vemos que ela é banhada por um grande rio, o Prata que lhe deu o nome. No entanto, as águas desse grande rio tem qualquer coisa de Brasil,

são as águas brasileiras do Paraná e seus afluentes, que a elas se reúnem e unidas, irmanadas, lá se vão a caminho do marulhoso oceano (jul. ag. de 1932).

Três anos mais tarde, em um discurso na escola, a professora Leonor Posada ratifica as palavras acima:

Por isso o Paraná, longe de ser um rio divisório entre as duas nações, é o braço undoso e líquido que as une: suas águas cantantes e doces, confundem no mesmo murmúrio as palavras argentinas e as brasileiras, e refletem num mesmo espelho as paisagens gêmeas dessas duas pátrias unidas.....

Montanhas, lagos, planícies e rios entre os países da América não são senão motivos da mais afetuosa das aproximações (set. dez. de 1935).

O que se pretende frisar com esta interpretação é que a escola institui uma leitura idealizada acerca da relação entre Brasil e Argentina, sugerindo que esses dois países se encontrariam organicamente ligados pelo *espelho* de prata das águas da bacia, transformando-os em verdadeiras almas gêmeas.

O nome *Argentina* da escola funcionaria como uma verdadeira metáfora desse discurso reunificador das nações, embora no plano das relações internacionais tenha sido mais marcadas por infundáveis disputas tanto comerciais quanto políticas do que pela amizade como é sugerido pela escola.

Com base nessas considerações, se percebe que a história da Escola Argentina, sob a ótica da história de seu próprio nome, se mostra complexa e, porque não dizer, atípica também: de fato e de direito é uma escola que tem dois nomeadores que, de forma decisiva, colaboram para o desenvolvimento de sua identidade: Carneiro Leão a batiza, tornando possível sua existência, segundo determinados valores, e Fernando de Azevedo, evitando uma mudança radical do nome, reafirma o nome Argentina, impedindo o fim de sua própria história ou, pelo menos, desta história.

Por último, pode-se acrescentar que a história de seu nome, que se liga de modo especial a uma certa visão que se tem a respeito da nação Argentina, também contribui para que se explicita uma perspectiva monumental (Le Goff, 1994) que se quer dar à relação entre Brasil/Argentina e que será mostrada de forma mais clara no item a seguir.

. a nação Argentina inspirando a escola

Se Argentina/argenti/prata-águas do Prata evoca a relação orgânica que existe entre Brasil e Argentina, a Escola Argentina no Brasil é o próprio *torrão argentino* em solo brasileiro. E é a mesma professora Leonor Posada que se referiu à função unificadora do *grande estuário* do Prata, quem afirma: *A Argentina é aqui....* Ou seja, se as águas do Prata

unem as duas nações, o espaço escolar da Escola Argentina é, por excelência, solo argentino, sugerindo que existe uma relação quase que simbiótica entre a escola e a nação portenha.

Exemplar é a carta dos alunos da Escola Argentina para alunos argentinos: *A nossa escola que é um pedaço da pátria argentina....* (jul./ag. de 1932). Em uma outra correspondência, de 1933, esse mesmo sentimento é novamente ressaltado: *... que Argentina e Brasil sejam um só coração a palpitar, trabalhando pelo progresso e pela paz do mundo.*

O próprio prefeito, em 9 de julho de 1935, dia da inauguração do novo prédio da escola, em seu discurso afirma: *Nesta Casa da Argentina, no Brasil, a grande obra de arte e de educação que se há de realizar é a obra de cultivar e fazer florescer a amizade argentino-brasileira.*

Essa relação de fusão entre escola/nação, muitas vezes, faz com que a Escola Argentina produza um sentimento de culto pela Argentina, tornando seus valores os valores da nação: *...pudessem estar presentes à nossa festa para sentirem, mais de perto, o carinho, o amor, a dedicação com que nos lembramos e cultuamos os nomes e a data gloriosa do torrão de vocês* (Carta publicada em jul./ag. de 1932).

Além disso, esse discurso construído pela escola teria como meta torná-la uma espécie de chancelaria, de território neutro, onde Brasil e Argentina ignorariam as suas disputas e passariam a agir como se fossem duas nações amigas que, por suas qualidades, também teriam um papel político de destaque dentro do continente sul americano.

Mais do que isso é possível afirmar que esse discurso ainda é conscientemente fabricado com a intenção de alicerçar o próprio projeto pedagógico da escola que, assim, passaria a ser estruturado de acordo com certos valores que necessitariam ser assimilados por todos os seus alunos; o que implica afirmar que esta escola possuiria uma função tanto social quanto política bastante explícita.

Essa postura, no entanto, ao se preocupar com a disseminação de determinados modelos de comportamentos, teria que, além de idealizar a relação entre Argentina e Brasil, também promover uma certa interpretação da história da Argentina, que é a própria fonte de inspiração do discurso pedagógico que se quer construir. Ou seja, será essa história da Argentina, criada e edificada pela escola, que irá inspirar os comportamentos, os hábitos e os sentimentos dessa comunidade escolar.

E é por essa razão, que os alunos da Escola Argentina deveriam conhecer a história do país que leva o seu nome, pois, desse modo, a escola estaria garantindo a concretização

da exaltação a seguir: *Crianças, alunos da escola que ostenta na fachada o nome da grande nação amiga, vos deveis interessar pela história do povo a quem amamos com o nobre sentimento que é a fraternidade continental* (Prof. Abigail Padilha, em discurso na escola, em razão da comemoração da independência da Argentina – jul./ag. de 1932).

O dia da independência da Argentina, 9 de julho, é a data símbolo dessa história que se quer contar. É o dia que marca o desenrolar de todo um processo histórico que tem como princípio as idéias de liberdade e democracia que, por conseguinte, são a base de sustentação do projeto da escola.

O próprio Anísio Teixeira, em visita à escola, por ocasião da festa de comemoração da independência da Argentina, confirma esse pressuposto: *Nós amamos a Argentina. Amamos a Argentina, porque, seja em que parte do mundo tenha transcorrido uma vida inteira dedicada ao culto da liberdade e da democracia, a humanidade inteira se beneficiará daí. Ora, a história da Argentina oferece exemplos vivos desse idealismo* (set./out. de 1933).

Sarmiento, San Martin, Saens Pena, Belgrano, Mitre e Augusto Justo são os heróis argentinos que a escola decide homenagear. É através do estudo de suas vidas, suas realizações e suas crenças, fixados em exercícios, redações e textos de aula, que a escola transforma-se em um legítimo rincão argentino que cultua os mais genuínos princípios liberais.

Ademais, esse sentimento de admiração que os alunos devem ter pela Argentina nada mais é do que uma admiração e um respeito que se deve ter pelo próprio Brasil, uma vez que as suas histórias são propagadas como se fossem bastante parecidas: *A 9 de julho de 1816, o Congresso de Tucuman proclamou a Independência das Províncias Unidas do Rio da Prata. O Brasil cuja inspiração de independência seguem a experiência argentina, festeja como suas, as datas que assinalaram para a república amiga as conquistas...* (prof. Abigail Padilha, jul./ag. de 1932).

Ignorando as diferenças, acredita-se que é absorvendo o estilo de vida argentina – além da história, aprendem danças e músicas típicas, poesias e pequenas frases em espanhol; recebem revistas e objetos típicos variados da Argentina –, seus valores e costumes, que os alunos aprenderão a amar o próprio Brasil, já que, de acordo com a escola, ambos teriam histórias parecidas e os mesmos ideais.

Portanto a Escola Argentina torna-se um ponto de encontro entre Brasil e Argentina, as duas nações líderes do continente sul americano, que na escola transformam-se em co-irmãs.

Considerações finais

As afirmações acima mostram que a Escola Argentina tanto por meio da história de seu nome quanto através dos discursos de seus alunos, professores e patronos pode ser interpretada como sendo uma escola que ao mesmo tempo em que institui uma ligação particular com a Argentina também fabrica uma imagem idealizada sobre a relação do Brasil com a própria Argentina.

Seus agentes sociais, ao a transformarem em um *torrão argentino* a posicionam de maneira “involuntária” entre essas duas nações. Possibilitam que desempenhe um papel político que se acredita, de algum modo, contribui para distender o próprio diálogo entre as chancelarias desses países.

Portanto, se ao longo dos primeiros anos da República as relações entre Brasil e Argentina encontram-se atravessadas por disputas, a escola, pelo contrário, ao fabricar uma leitura idealizada do próprio pan americanismo, assume o augúrio de seu nome, monumentaliza (Le Goff, 1994) esta mesma relação e ainda possibilita que esta “amizade” fermente as bases de seu projeto pedagógico.

Enfim, uma análise sobre o embate político e econômico que existe entre essas duas nações ao ser acrescido do papel que a escola desempenha nesta mesma questão introduz novas possibilidades de interpretação sobre este mesmo tema.

Referências

- BANDEIRA, Muniz. *O eixo Argentina-Brasil: o processo de integração da América Latina*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1987.
- CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 1992.
- HOUAISS, Antônio, (1976). Prefácio de que deveria ser posfácio. In: MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- LE GOFF, Jaques. *Memória e História*. Campinas, Editora da Unicamp, 1994.
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz de seus personagens*. Rio de Janeiro, Editora Imago, 1976.
- MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.
- Novo Dicionário Aurélio, 1975.